

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMPETIÇÃO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

AS PALAVRAS SIGNIFICAM

Diana Andringa

Porque as palavras significam, a Organização Mundial da Saúde instou as autoridades e o público em geral a mudar, em relação às regras para enfrentar a ameaça da COVID-19, a palavra de ordem “distância social” para “distância física”, mas o termo entrara já no vocabulário e não foi possível alterá-lo.

A organização Human Rights in Mental Health-FGIP criou mesmo a campanha “Mind the Gap” – em português, “Atenção à distância” – para recordar que, se a distância física é uma necessidade em tempos de pandemia, os que mais sofrem com a crise atual são muitos daqueles – como os idosos institucionalizados, populações carenciadas imigrantes e refugiados – que mais precisam de contactos sociais.

Não foi o único caso de mau uso das palavras. No início da pandemia, o uso do termo “vírus chinês”, em referência ao facto de os primeiros casos terem aparecido numa cidade da China, causou reações xenófobas contra a comunidade chinesa em vários países, entre os quais Portugal.

Também os números induzem reações. Vale a pena pensar se dar a conhecer, diariamente, o número de mortos não acaba por, de algum modo, banalizar essas mortes, tornando-nos indiferentes a elas? Será que, morto a morto, não se desvaloriza a morte?

Entretanto, ainda a pandemia vinha no adro e já o Inter-Agency Standing Committee, que tutela o trabalho das agências de assistência humanitária, alertava para que o medo e preocupação constante, a incerteza e o *stress* da população durante o surto de COVID-19 pode levar a consequências de longo prazo nas comunidades, famílias e indivíduos vulneráveis, destacando, entre elas, a possível exaltação do estado emocional, ira e agressão contra governos e trabalhadores da primeira linha e a possível desconfiança em relação às informações dadas pelo governo e outras autoridades.

O que não impediu os órgãos de informação de dar voz precisamente a esses estados emocionais e desconfianças, por vezes usados com evidentes intenções políticas.

Curiosamente ou não, as falhas que eram severamente apontadas ao Estado eram perdoadas aos privados, sendo o caso mais exemplar o dos lares de idosos, onde se verificou um número elevado de vítimas mortais, mas em relação aos quais se criticava o Estado, e não a instituição, pela inexistência de planos de contingência.

E, perante este retrato desencantado da cobertura mediática da pandemia, qual é a alternativa?

Só me ocorre uma: criar um jornalismo diferente, que **leia / escreva / pense de outra maneira**. Que entre a ética da convicção e a ética da responsabilidade opte pela da responsabilidade, que não exponha factos só porque estão disponíveis, que não use palavras sem refletir sobre o seu significado para quem ouve ou lê, que pondere sobre os efeitos do que noticia no público que vai consumir essa informação.

O que implica, eventualmente, outra forma de pensar não apenas o ensino do Jornalismo (infelizmente, em muitos casos, englobado em cursos de Comunicação Social), mas o próprio ensino da língua (as palavras significam), o hábito de escrever (os caracteres das palavras não se contam, escrevem-se), a opção pela qualidade e não pela quantidade (seja o número de citações em termos académicos ou de *likes* nas redes sociais), o preocupar-se com informar melhor em vez de informar mais depressa e, finalmente, quebrando o quase monopólio da formação em Comunicação Social/ /Jornalismo nas redações a favor da interdisciplinaridade que permita que estas tenham especialistas em diversas áreas, aptos a interpretar textos e informações sobre temas diferentes, a aferir ou não da sua verosimilhança, a fazer as perguntas que se impõem.